



after

depois da verdade

LIVRO 2

ANNA TODD

TRADUÇÃO DE
TERESA REBELO DA SILVA

 EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título original: *After We Collided*

Autora: *Anna Todd*

Copyright © Anna Todd, 2014

A autora é representada por Wattpad

Edição portuguesa publicada por acordo com Gallery Books, uma divisão de Simon & Schuster, Inc.

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Teresa Rebelo da Silva*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, agosto, 2015

Depósito legal n.º 396 286/15

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Prólogo

HARDIN

Não sinto o chão de cimento gelado debaixo de mim nem a neve que vai caindo sobre o meu corpo. Tudo o que sinto é o enorme vazio que se instalou no meu peito. Estou de joelhos a observar impotente enquanto o Zed arranca com o carro para fora do parque de estacionamento, com a Tessa sentada a seu lado.

Não imaginava que isto fosse possível — nunca, nem durante os meus piores pesadelos, poderia prever que iria sentir uma dor tão intensa. O desgosto da perda, é como lhe chamam. Nunca tinha tido algo ou alguém de quem realmente gostasse, nunca tinha sentido a necessidade de ter alguém, de a ter só para mim e de me agarrar a ela com tanta força. O pânico — o pânico insuportável e total de perdê-la — não estava nos planos. Nada disto estava. Era suposto ser fácil: dormir com ela, receber o meu dinheiro e gabar-me disso ao Zed. Nada mais simples. Mas não foi assim que aconteceu. Em vez disso, a loura de saias compridas e com a obsessão por longas listas de coisas a fazer conseguiu entranhar-se lentamente dentro de mim, de tal modo que acabei por apaixonar-me por ela com uma intensidade inimaginável. Foi só quando dei por mim a vomitar no lavatório, depois de ter mostrado a prova da perda da sua virgindade aos meus pouco recomendáveis amigos, que me apercebi do quanto gostava dela.

Detestei o que se passou, detestei cada momento... mas não lhe pus fim.

Ganhei a aposta, mas perdi a única coisa que alguma vez me fez feliz. E, ao mesmo tempo, perdi todo e qualquer vestígio de bondade que ela conseguiu que eu encontrasse dentro de mim. À medida que a neve vai encharcando a minha roupa, culpo o meu pai pelo vício do álcool que herdei; culpo a minha mãe por ter vivido tanto tempo com ele, provocando-me traumas profundos; culpo a Tessa por se ter cruzado no meu caminho. Quero culpar toda a gente.

Mas não posso. Sou o único responsável. Estraguei a vida da Tessa e tudo o que tínhamos.

Mas farei o que for necessário para corrigir os meus erros.

Para onde estará a ir? Será que a voltarei a encontrar?

TESSA

— Demorou mais de um mês — digo, num pranto, depois de o Zed me contar os detalhes da aposta. Sinto um nó no estômago e fecho os olhos, em busca de algum alívio.

— Eu sei. Ele vinha sempre com desculpas, pedia mais tempo e tentava baixar o montante da aposta. Foi estranho. Pensávamos que ele estava apenas obcecado em ganhar, talvez para provar que era bom, mas agora estou a perceber. — O Zed para de falar por uns instantes e observa-me. — Ele só falava nisso. No dia em que te convidei para irmos ao cinema, ele passou-se. Depois de te ter deixado em casa, veio com merdas, a exigir que me mantivesse afastado de ti. Mas eu ri-me na cara dele, porque pensei que ele estava com os copos.

— Ele contou-vos... contou-vos a história do riacho? E as... as outras coisas? — pergunto, contendo a respiração. A sua expressão consternada responde por si. — Ah, meu Deus. — Tapo a cara com as mãos.

— Ele contou-nos tudo... *tudo* mesmo... — murmura.

Fico calada e desligo o telemóvel. Desde que saí do bar que não para de vibrar. Ele não tem nada que me ligar.

— Onde é que fica a tua nova residência? — pergunta o Zed e reparo que estamos perto do *campus*.

— Já não vivo numa residência. O Hardin e eu... — É-me difícil terminar a frase. — Há uma semana, ele convenceu-me a ir viver com ele.

— Não acredito — exclama o Zed.

— É verdade. Ele é abaixo... ele é... — balbucio, incapaz de encontrar a palavra indicada para definir a sua crueldade.

— Nunca pensei que ele fosse tão longe. Achava que no dia em que nós víssemos a... hum, a prova... ele retomaria o seu comportamento habitual, voltando a passar todas as noites com uma rapariga diferente.

Mas, depois disso, ele desapareceu. Raramente estava connosco, exceto naquela noite em que apareceu nas docas e nos tentou convencer, a mim e ao Jace, a não te contarmos nada. Ofereceu imenso dinheiro ao Jace, em troca do seu silêncio.

— Dinheiro? — digo. O Hardin não podia ser mais vil. A cada revelação doentia parece que o espaço dentro da carrinha do Zed se vai tornando mais sufocante.

— Pois. O Jace limitou-se a rir, claro, e disse ao Hardin que não ia abrir a boca.

— E tu, não? — pergunto, lembrando-me dos dedos feridos do Hardin e da cara magoada do Zed.

— Não exatamente... disse-lhe que, se ele não te contasse tudo rapidamente, eu mesmo te contava. Ele não gostou da ideia, como é óbvio — diz e aponta para a cara. — Se isso te fizer sentir melhor, acho que não lhe és indiferente.

— Isso não é verdade. E mesmo que seja, é irrelevante — digo e encosto a cabeça à janela.

Todos os nossos beijos, todas as nossas carícias, foram partilhados pelos amigos do Hardin. Todos os nossos momentos tornados públicos, os nossos momentos mais íntimos. Os meus únicos momentos íntimos não me pertencem.

— Queres vir para minha casa? Não estou a perguntar com segundas intenções. Mas tenho um sofá onde podes ficar até... decidires o que vais fazer — oferece.

— Não. Não, obrigada. Mas posso usar o teu telemóvel? Preciso de ligar ao Landon.

O Zed aponta com a cabeça para o telemóvel que está no tabliê e, por uns momentos, penso em como tudo teria sido diferente se eu não tivesse rejeitado o Zed e optado pelo Hardin, depois da festa da fogueira. Estes incidentes nunca teriam acontecido.

O Landon atende ao segundo toque e, como era expectável, convida-me para ir a sua casa. Claro que não lhe conto o sucedido, mas ele mostra-se tão disponível que indico a morada ao Zed. Ele permanece em silêncio durante quase toda a viagem pela cidade.

— Ele vai-se chatear comigo por não te levar para junto dele — diz, por fim.

— Podia pedir desculpa por este contratempo... mas foram vocês que provocaram tudo — digo, com sinceridade. Tenho uma certa pena do

Zed porque acho que as suas intenções eram melhores do que as do Hardin, mas ainda está tudo muito fresco para eu, neste momento, sequer pensar nisso.

— Eu sei. Se precisares de alguma coisa, liga-me — oferece e eu aceno com a cabeça, antes de sair do carro.

O ar quente que expiro torna-se visível em contacto com o ar frio da rua. No entanto, não sinto o frio, não sinto nada.

O Landon é o meu único amigo, mas ele vive em casa do pai do Hardin. Tenho consciência da ironia da situação.

— Está a nevar a sério — diz o Landon, apressando-se a levar-me para dentro de casa. — Onde é que está o teu casaco? — repreende-me na brincadeira. Quando entro na casa iluminada, pergunta-me, com perplexidade. — O que é que aconteceu? O que é que ele fez?

Olho em redor, esperando que o Ken e a Karen não estejam no andar de baixo. — É assim tão óbvio? — Enxugo as lágrimas.

O Landon abraça-me e eu volto a limpar os olhos. Já não tenho mais forças, nem físicas, nem emocionais, para chorar. Estou muito para além disso.

O Landon vai-me buscar um copo de água e diz: — Vai lá para cima, para o teu quarto.

Tento sorrir, mas, ao chegar ao andar de cima, um instinto perverso conduz-me à porta do quarto do Hardin. Quando me apercebo, a dor que quase me desfaz torna-se mais acutilante e, por isso, no mesmo instante, dou meia-volta e encaminho-me para o quarto que fica do outro lado do corredor. Ao abrir a porta, a recordação de atravessar apressadamente o corredor até ao quarto do Hardin, naquela noite em que o ouvi gritar enquanto dormia, trespassa-me. Incomodada, sento-me em cima da cama do «meu quarto», sem saber o que fazer a seguir.

Uns minutos depois, o Landon vem ter comigo. Senta-se ao meu lado, suficientemente perto para demonstrar preocupação, mas suficientemente longe para manter o respeito, como é seu costume.

— Queres falar sobre o que aconteceu? — pergunta, com simpatia.

Digo que sim. Embora saiba que repetir toda esta saga me magoe mais do que quando a descobri pela primeira vez, contá-la ao Landon funciona como uma espécie de libertação; e é reconfortante saber que, durante todo este tempo, havia pelo menos uma pessoa que não estava a par da minha humilhação.

O Landon ouve-me, impávido e sereno, e eu não consigo perceber o que ele está a pensar. Quero saber com que opinião é que ele fica do filho do seu padrasto, depois de saber toda esta história. E com que opinião ficará de mim. Mas, quando termino, ele está furioso.

— Não posso acreditar que ele tenha feito isto! O que é que se passa com ele? Eu estava aqui a pensar que ele se estava a tornar numa pessoa quase... decente! Ele destruiu tudo! Não posso acreditar que ele te tenha feito isto, logo a ti. O que é que o levou a destruir a única coisa que tinha?

Ao acabar de falar, o Landon olha para o lado.

E, então, também eu ouço: passos a avançarem escadas acima. Não apenas passos, mas passadas estrondosas, com uma cadência rápida, de botas pesadas a baterem contra a madeira.

— Ele está aqui — dizemos os dois e, por um ínfimo instante, ainda penso em esconder-me no armário.

O Landon olha para mim com um ar adulto e sério. — Queres vê-lo?

Abano freneticamente a cabeça e o Landon aproxima-se da porta no momento em que a voz do Hardin me trespassa.

— *Tessa!*

O Landon estende o braço, mas o Hardin irrompe pela porta e passa por ele, afastando-o. Para no meio do quarto e eu levanto-me da cama. Surpreendido com esta situação a que não está habituado, o Landon fica por uns instantes paralisado, perplexo.

— Tessa, graças a Deus. Graças a Deus, estás aqui — suspira e passa as mãos pelo cabelo.

Ao vê-lo, sinto um aperto no peito e afasto o olhar, fitando a parede.

— Tessa, querida. Preciso que me ouças. Por favor, só...

Mantenho-me em silêncio e avanço na sua direção. Os seus olhos brilham de esperança e estende o braço para mim, mas eu passo por ele, sem me deter, reparando que a sua esperança se extingue.

Boa.

— Fala comigo — suplica.

Mas eu abano a cabeça, recusando-me, e ponho-me ao lado do Landon. — Não. Nunca mais volto a falar contigo! — grito.

— Não estás a falar a sério... — O Hardin aproxima-se.

— Afasta-te de mim! — berro, quando ele agarra o meu braço.

O Landon interpõe-se entre nós os dois e pousa o braço no ombro do seu «meio-irmão». — Hardin, é melhor ires-te embora.

O Hardin cerra os dentes e olha para nós. — Landon, não te intrometas nos nossos assuntos — avisa.

Mas o Landon mantém-se firme e eu conheço suficientemente bem o Hardin para saber que ele está a pesar as suas opções, a pensar se, neste momento, à minha frente, haverá alguma vantagem em dar um murro ao Landon.

Parece desistir desta opção e respira fundo. — Por favor... deixa-nos um pouco a sós — diz, tentando manter-se calmo.

O Landon olha para mim e os meus olhos suplicam-lhe. Volta-se de novo para o Hardin. — Ela não quer falar contigo.

— Não me venhas dizer o que é que ela quer, porra! — grita o Hardin e começa a dar murros na parede, estalando e amassando o estuque.

Recuo imediatamente e recomeço a chorar. *Agora não, agora não*, repito intimamente, tentando controlar as minhas emoções.

— Vai-te embora, Hardin! — grita o Landon no momento em que o Ken e a Karen aparecem à entrada.

Oh, não. Não devia ter cá vindo.

— Mas o que é que se está a passar aqui? — pergunta o Ken.

Ninguém responde. A Karen olha para mim, de um modo empático, e o Ken repete a pergunta.

O Hardin fita o pai. — Estou a tentar falar com a Tessa, e o Landon está a meter-se onde não é chamado!

O Ken olha para o Landon e depois para mim. — O que é que fizeste, Hardin? — O seu tom de voz altera-se de preocupado para... *zangado?* Será isso?

— Nada! Foda-se! — O Hardin esbraceja.

— Ele só fez asneiras e estragou tudo, foi o que ele fez, e agora a Tessa não tem para onde ir — afirma o Landon.

Quero falar; mas não sei o que dizer.

— Ela tem para onde ir, ela pode vir para casa. Para onde ela vive... comigo — afirma o Hardin.

— O Hardin andou o tempo todo a brincar com a Tessa; fez-lhe coisas inacreditáveis! — acusa o Landon, e a Karen dá um gritinho de perplexidade e aproxima-se de mim.

Sinto-me completamente envergonhada. Nunca me senti tão exposta nem tão insignificante. Não queria que o Ken e a Karen soubessem... mas talvez não faça grande diferença, já que a partir desta noite eles não devem querer voltar a ver-me.

— Queres ir com ele? — pergunta o Ken, interrompendo a minha descida aos infernos.

Abano a cabeça, devagar.

— Bem, eu não saio daqui sem ti — afirma o Hardin. Avança para mim, mas eu estremeço e afasto-me.

— É melhor ires-te embora, Hardin — diz o Ken, para minha surpresa.

— Desculpe? — O Hardin está com o rosto vermelho, um tom intenso que me parece reflexo da sua *raiva*. — Já tem sorte por eu até vir a sua casa; como se atreve a pôr-me na rua?

— Tenho gostado muito de ver o nosso relacionamento evoluir, filho, mas hoje tens de te ir embora.

O Hardin ergue as mãos para o ar. — Mas que merda é esta, o que é que o pai tem a ver com *ela*?

O Ken olha para mim e depois para o filho. — O que quer que lhe tenhas feito, espero que tenha valido a pena perderes a única coisa boa que estavas a viver — diz e depois deixa tombar a cabeça.

Talvez chocado com as palavras do Ken ou talvez por a sua raiva ter atingido o seu ponto máximo e se ter dissipado, o Hardin fica estático, olha para mim rapidamente e depois sai do quarto. Permanecemos em silêncio, a ouvi-lo descer as escadas numa passada cadenciada.

Quando o som da porta da frente a bater ressoa pela casa silenciosa, volto-me para o Ken, num pranto. — Desculpe. Eu vou-me já embora. Não queria que isto tivesse acontecido.

— Não, fica o tempo que precisares. És sempre bem-vinda cá em casa — diz o Ken e ele e a Karen abraçam-me.

— Não tinha intenção de perturbar a vossa relação — digo, sentindo-me pessimamente por o Ken ter posto o seu próprio filho no olho da rua.

A Karen pega na minha mão e aperta-a. O Ken olha para mim, com um ar zangado e arrasado. — Tessa, eu amo o Hardin, mas sabemos bem que foi graças a ti que foi possível estabelecer uma relação entre nós — diz.

TESSA

Prolongo o meu duche o máximo de tempo possível, deixando a água correr pelo meu corpo. Quero limpar-me e, de certo modo, acalmar-me. Mas, contrariamente aos meus desejos, a água quente não me relaxa. Por mais que me esforce, não me lembro de nada que possa atenuar a minha dor interior. É um sofrimento sem limites. Permanente. Como um organismo que se instalou dentro de mim, mas também como um buraco a aumentar incessantemente.

— Sinto-me pessimamente por causa dos danos na parede. Ofereci-me para pagar, mas o Ken recusou — digo ao Landon, enquanto penteio o cabelo molhado.

— Não te preocupes com isso. Já tens problemas que cheguem — responde com uma expressão preocupada e faz-me uma festa nas costas.

— Não consigo compreender como é que a minha vida se tornou nisto, como é que eu cheguei a este ponto. — Olho para a frente, para que o meu olhar não se cruze com o do meu melhor amigo. — Há três meses, tudo fazia sentido. Tinha o Noah, que nunca me teria feito nada de semelhante. Tinha uma relação próxima com a minha mãe e sabia como a minha vida ia decorrer. E agora não tenho nada. Literalmente nada. Nem sequer sei se devo continuar com o meu estágio, porque o Hardin vai aparecer ou vai convencer o Christian Vance a despedir-me só para mostrar que pode. — Torço com toda a força a fronha da almofada da cama. — Ele não tinha nada a perder, mas eu tinha. Deixei que ele se apoderasse de tudo em mim. Antes dele, a minha vida era tão simples e definida. Agora... depois dele... é apenas... depois.

O Landon fita-me com os olhos muito abertos. — Tessa, não vais desistir do teu estágio; ele já te desapossou de muita coisa. Não deixes que ele te tire isso, por favor — suplica. — O aspeto positivo da tua vida depois dele é que tu podes fazer dela o que te agrada, podes começar tudo de novo.

Eu sei que ele tem razão, mas não é assim tão simples. Tudo na minha vida está ligado ao Hardin, até a pintura do raio do meu carro. Ele tornou-se o elo que sustinha e dava sentido à minha existência e a sua ausência lança-me para as ruínas da minha vida anterior.

Acabo por ceder e aceno com a cabeça com pouca convicção; ele sorri ligeiramente e declara: — Vou-te deixar descansar. — Abraça-me e dirige-se para a porta.

— Achas que isto acaba por se desvanecer? — pergunto e ele vira-se para mim.

— O quê?

A minha voz surge quase num murmúrio: — A dor?

— Não sei... Mas gostava de pensar que sim. O tempo sara... a maior parte das feridas — responde e fita-me com uma expressão reconfortante, entre o sorriso e a mágoa.

Não sei se o tempo vai sarar as minhas feridas. Mas sei que, se o não fizer, eu não vou sobreviver.

Na manhã seguinte, o Landon, firme mas delicadamente, obriga-me a sair da cama, assegurando-se assim de que eu não falto ao estágio. Gasto uns minutos a escrever um bilhete para o Ken e para a Karen, a agradecer e a pedir novamente desculpa pelos estragos que o Hardin fez na parede. O Landon conduz em silêncio e olha constantemente para mim, tentando encorajar-me com sorrisos e pequenas frases de incentivo. Mas eu continuo a sentir-me pessimamente mal.

Ao chegarmos ao parque de estacionamento, as recordações voltam a insinuar-se no meu espírito. O Hardin de joelhos na neve. A explicação do Zed sobre os detalhes da aposta. Abro rapidamente a porta do carro e entro, para me proteger do frio. Já dentro do carro, estremeço ao ver a minha imagem no espelho retrovisor. Os meus olhos continuam vermelhos, com grandes olheiras e papos. Pareço uma personagem saída de um filme de terror. Vou ter de colocar mais maquilhagem do que estava à espera.

Vou à Walmart, a única loja da zona aberta a esta hora, e compro todos os produtos de beleza necessários para mascarar os meus sentimentos. Mas não tenho força ou energia suficientes para me esmerar a cuidar da minha aparência e duvido que o meu aspeto tenha melhorado.

E, de facto, quando chego à Vance, a Kimberly fica atónita ao ver-me. Tento sorrir-lhe, mas ela levanta-se imediatamente da secretária.

— Tessa, querida, estás bem? — pergunta, aflita.

— Estou assim com tão mau aspeto? — Encolho ligeiramente os ombros.

— Não, claro que não — mente. — Estás apenas...

— Exausta. Porque é como me sinto. Os exames deixaram-me esgotada — digo-lhe.

Ela acena com a cabeça e sorri carinhosamente, mas eu reparo que o seu olhar segue os meus movimentos enquanto me dirijo para o meu gabinete. Em seguida, o meu dia arrasta-se, sem fim à vista, até que, ao fim da manhã, o Sr. Vance bate à porta do meu gabinete.

— Bom dia, Tessa — saúda-me, com um sorriso.

— Bom dia — respondo a custo.

— Venho dizer-te que estou muito impressionado com o trabalho que realizaste até agora. — Sorri. — O teu trabalho chega a ter mais qualidade do que o de muitos funcionários da empresa.

— Obrigada, as suas palavras são muito importantes para mim — agradeço e de imediato me lembro que foi graças ao Hardin que consegui este estágio.

— E por isso gostava de te convidar para estares presente na conferência de Seattle que vai decorrer no próximo fim de semana. Geralmente, estas reuniões são muito aborrecidas, mas, desta vez, vão falar sobre as edições digitais, a «onda do futuro» e outros assuntos relacionados. Vais conhecer imensa gente e aprender coisas novas. Dentro de poucos meses vou abrir uma filial em Seattle e eu próprio preciso de me encontrar com algumas pessoas. — Ri-se. — Então, o que é que me dizes? As despesas são por nossa conta e partimos na sexta-feira à tarde. Podes levar o Hardin. Não à conferência, mas a Seattle — clarifica, com o sorriso cúmplice.

Se ao menos ele *soubesse* o que se está a passar.

— Claro que adorava ir. Muito obrigada pelo convite! — digo-lhe, incapaz de conter o entusiasmo e o alívio que sinto por, finalmente, me estar a acontecer alguma coisa positiva.

— Estupendo! A Kimberly vai-te pôr a par dos detalhes e explica-te os procedimentos em relação aos gastos.

A ideia de ir à conferência abranda ligeiramente a minha dor. Vou estar longe do Hardin, mas, por outro lado, Seattle relembra-me o momento em que o Hardin propôs levar-me lá. Ele imiscuiu-se em todos os aspetos da minha vida, impondo a sua presença a um espaço que se estende a todo o estado de Washington. O gabinete parece estar a tornar-se mais pequeno, com o ar da sala a escassear.

— Estás-te a sentir bem? — pergunta o Sr. Vance, franzindo as sobrancelhas em sinal de preocupação.

— Ah, sim, é só que... hoje ainda não comi nada e esta noite não dormi muito — digo-lhe.

— Vá lá, sai mais cedo; podes acabar o que estás a fazer em casa — diz.

— Está tudo bem...

— Não, vai para casa. Nas editoras não há ambulâncias. Podemos tratar dos assuntos sem a tua presença — assegura-me, com um aceno de mão, e vai-se embora.

Pego nas minhas coisas, vejo-me ao espelho para saber como estou — sim, continuo horrível. Quando estou a entrar no elevador, a Kimberly chama-me.

— Vais para casa? — pergunta-me e eu assinto com a cabeça. — Bom, o Hardin está chateado, por isso, prepara-te.

— O quê? Como é que sabes?

— Porque ele insultou-me por não te passar as chamadas. — Ela sorri. — Nem mesmo a sua décima chamada. Achei que, se quisesse falar com ele, já lhe terias ligado do teu telemóvel.

— Obrigada — digo, grata por ela ser tão observadora. Ouvir a voz do Hardin teria feito com que o buraco de dor que trago dentro de mim tivesse imediatamente aumentado.

Consigo chegar ao carro antes de me ir de novo abaixo. A dor piora quando não estou distraída, quando fico sozinha com os meus pensamentos e recordações. E, claro, quando vejo que tenho quinze chamadas não atendidas do Hardin e dez novas mensagens, que não vou ler.

Recomponho-me o suficiente para conduzir e depois decido enfrentar os meus medos e telefonar à minha mãe.

Ela atende ao primeiro toque. — Está?

— Mãe — digo entre soluços. Profiro esta palavra com um sentimento de estranheza, mas, neste momento, preciso de todo o seu apoio.

— O que é que ele te fez?

A sua reação é igual à de todas as outras pessoas, o que revela como era óbvio o perigo que o Hardin representava e como eu tinha agido de um modo tão desatento.

— Eu... ele... — Não consigo construir uma frase. — Posso ir aí a casa, só hoje? — pergunto.

— Claro, Tessa. Vemo-nos daqui a duas horas — diz e desliga.

Melhor do que eu esperava, mas menos carinhoso do que eu ansiava. Quem me dera que ela fosse como a Karen, que demonstrasse o seu amor e aceitasse os meus erros. Quem me dera que ela se mostrasse mais flexível, bastava um pouco mais, para eu poder ter o carinho de uma mãe, de uma mãe afetuosa e reconfortante.

Entro na autoestrada e desligo o telemóvel, para impedir um eventual impulso idiota, como ler uma das mensagens do Hardin.

TESSA

A viagem de regresso à casa da minha infância é-me familiar e simples, não me exigindo grande concentração. Obrigo-me a libertar todos os gritos — literalmente, a gritar o mais alto que consigo e até me doer a garganta — antes de chegar à minha cidade natal. Mas é mais difícil do que pensava, em grande medida porque não me apetece gritar. Apetece-me chorar e desaparecer. Dava tudo para retroceder no tempo e regressar ao primeiro dia da faculdade; teria aceitado o conselho da minha mãe e teria mudado de quarto. A minha mãe achava que a Steph era uma má influência. Se ao menos tivéssemos percebido que o rapaz malcriado e de cabelo encaracolado é que era o problema; que ele ia dominar-me por completo, virar-me do avesso e partir-me o coração aos olhos de todos.

Durante todo este tempo, vivi apenas a duas horas de distância da minha casa, mas depois do que aconteceu, a distância parece-me muito maior. Não voltei a casa desde o início das aulas. Se a minha relação com o Noah não tivesse terminado, teria cá vindo várias vezes. Não desvio os olhos do caminho ao passar pela casa dele.

Estaciono à entrada da minha casa e saio do carro num ápice. Mas, ao chegar à porta, interrogo-me se devo bater. Parece estranho fazê-lo, mas também não me sinto à vontade para entrar sem mais nem menos. Como é que tanta coisa mudou desde que eu parti para a faculdade?

Decido entrar sem bater; vejo a minha mãe em pé, perto do sofá de couro castanho, perfeitamente maquilhada, bem vestida e de sapatos altos. Parece que está tudo na mesma: limpo e perfeitamente organizado. A única diferença é que tenho a sensação de que está tudo mais pequeno, talvez em resultado do tempo que passei em casa do Ken. Bem, a casa da minha mãe é realmente pequena e vista de fora é um pouco feia, mas interiormente está muito bem decorada e ela sempre se esforçou por dissimular o fracasso do seu casamento, mantendo as divisões bem

pintadas, flores bonitas e colocando um cuidado extremo na limpeza. Decorar a casa começou como uma estratégia para enfrentar a partida do meu pai e acabou por se tornar um hábito. O espaço é acolhedor e o meu olfato reconhece o cheiro familiar a canela. A minha mãe foi sempre obcecada por velas aromáticas e há uma em cada divisão. Descalço os sapatos à porta, porque sei que ela não quer neve no soalho de madeira envernizada.

— Queres um café, Theresa? — pergunta-me, antes de me abraçar.

Foi graças à minha mãe que ganhei o vício do café, um elo que me faz sorrir ligeiramente. — Sim, por favor.

Sigo-a até à cozinha e sento-me em frente à pequena mesa, sem saber como iniciar a conversa.

— Então, não me vais contar o que aconteceu? — pergunta, sem rodeios.

Respiro fundo e bebo um pouco de café antes de responder. — Eu e o Hardin acabámos tudo.

Mantém uma expressão neutra. — Porquê?

— Bom, afinal ele não é o que eu pensava — digo. Ponho as mãos em volta da caneca de café a ferver, para tentar abstrair-me da dor e para me preparar para a resposta da minha mãe.

— E quem é que tu pensaste que ele era?

— Alguém que me amava. — Para além deste aspeto, não sei bem o que é que eu pensava do Hardin, como ele era intimamente, como pessoa.

— E agora deixaste de achar que ele te ama?

— Sim, sei que ele não me ama.

— O que é que te faz estar tão segura disso? — pergunta objetivamente.

— Porque confiei nele e ele traiu-me da pior forma possível. — Sei que estou a omitir os pormenores, mas ainda sinto uma incompreensível necessidade de proteger o Hardin do julgamento crítico da minha mãe. Reprendo-me por ser tão estúpida, por ainda ter consideração por ele, quando sei bem que ele não faria o mesmo por mim.

— Não achas que devias ter pensado nesta possibilidade antes de decidires ir viver com ele?

— Sim, eu sei. Vá lá, diga-me como eu sou estúpida, diga-me que já me tinha avisado — respondo.

— Eu disse-te, eu avisei-te acerca de tipos como ele. É melhor afastarmo-nos de homens como ele e como o teu pai. Ainda bem que acabou antes de ter verdadeiramente começado. As pessoas cometem erros,

Tessa. — Bebe um pouco de café, deixando meio círculo de batom cor-de-rosa na borda da caneca. — Tenho a certeza de que ele te perdoa.

— Quem?

— O Noah, claro.

Como é que ela não entende isto? Só preciso de falar com ela, de sentir o seu apoio — e não de ser empurrada novamente para o Noah. Levantome, fito-a e, em seguida, olho em redor. *Será que ela está a falar a sério? Não pode estar.* — Lá porque as coisas não resultaram com o Hardin, isso não significa que eu volte a namorar com o Noah! — contraponho.

— E porque não? Tessa, devias estar grata por ele estar disposto a dar-te outra oportunidade.

— O quê? Porque é que não para com isso? Neste momento não estou com disponibilidade para andar com ninguém, muito menos com o Noah. — Tenho vontade de arrancar os meus cabelos. Ou os dela.

— O que é que queres dizer com «muito menos com o Noah»? Como é que te podes referir a ele dessa maneira? Ele foi sempre fantástico contigo, desde pequenos.

Suspiro e volto a sentar-me. — Eu sei, mãe, eu gosto muito do Noah. Mas não dessa maneira.

— Não sabes do que é que estás a falar. — Ela levanta-se e deita o resto do café no lava-loiça. — Não é só o amor que importa, Theresa; há também a estabilidade e a segurança.

— Só tenho dezoito anos — afirmo. Não pretendo ficar com alguém que não ame apenas por estabilidade. Quero criar a minha própria estabilidade e segurança. Quero encontrar alguém que eu ame e que me ame.

— Quase dezanove. E se agora não tiveres cuidado, ninguém te vai querer. Vai retocar a maquilhagem porque o Noah está a chegar a qualquer momento — diz-me e sai da cozinha.

Já devia saber que não era aqui que eu ia encontrar conforto. Teria sido melhor ter ficado o dia todo a dormir no meu carro.

Tal como a minha mãe tinha dito, o Noah chega cinco minutos depois, sem que eu me tivesse dado ao trabalho de me arranjar minimamente. Ao vê-lo entrar na pequena cozinha, sinto-me ainda mais deprimida, o que eu pensava ser impossível.

Saúda-me com um sorriso radioso, cheio de carinho. — Olá.

— Olá, Noah — respondo.

Aproxima-se e eu levanto-me para o abraçar. É um abraço caloroso e a sua *sweatshirt* tem um cheiro muito agradável, um odor que eu reconheço. — A tua mãe telefonou-me — diz.

— Eu sei. — Tento sorrir. — Desculpa por ela te querer envolver nisto. Não sei o que se passa com ela.

— Eu sei. Ela quer que tu sejas feliz — diz, defendendo-a.

— Noah... — aviso-o.

— Só que ela não sabe o que é que te pode fazer feliz. Ela gostava que fosse eu, mas não é isso que se passa. — Encolhe ligeiramente os ombros.

— Desculpa.

— Tess, deixa de pedir desculpa. Eu só quero ter a certeza de que estás bem — assegura-me e abraça-me de novo.

— Não estou — admito.

— Vê-se. Queres falar nisso?

— Não sei... tens a certeza de que não te importas? — Não suporto voltar a magoá-lo falando naquele por quem eu o troquei.

— Sim, tenho — diz e vai buscar um copo com água antes de se sentar à minha frente, à mesa.

— OK... — respondo e conto-lhe basicamente tudo.

Omito os pormenores sexuais, que considero do foro privado. Bom, na verdade não são. Mas para mim são. Ainda não consigo acreditar que o Hardin contou tudo o que nós fizemos aos amigos... essa é a pior parte. Ainda pior do que ter mostrado os lençóis é o facto de, depois de dizer que me amava e de fazer amor comigo, ter sido capaz de mudar de atitude e ter troçado publicamente de tudo o que aconteceu entre nós.

— Eu sabia que ele te ia magoar, só não sabia que ia chegar a esse ponto — diz o Noah. A sua expressão do rosto revela que está muito zangado; é estranho vê-lo exprimir estas emoções, uma vez que ele é geralmente calmo e contido. — És boa de mais para ele; ele é um canalha.

— Nem posso acreditar como pude ser tão estúpida... larguei *tudo* por ele. Mas não há nada pior do que um amor não correspondido.

O Noah pega no seu copo e roda-o entre as mãos. — Eu que o diga — diz baixinho.

Apetece-me bater-me pelo que acabei de dizer. Abro a boca, mas ele interrompe-me antes de eu ter tempo de pedir desculpa.

— Tudo bem — diz e acaricia a minha mão com o polegar.

Meu Deus, *quem me dera* amar o Noah. Teria sido muito mais feliz com ele e ele nunca me teria feito nada semelhante ao que o Hardin me fez.

O Noah põe-me a par de tudo o que eu perdi desde que o deixei, o que não é muita coisa. Ele vai para uma universidade em São Francisco, em lugar de ir para a WCU, o que me agrada. Pelo menos, há uma consequência positiva no facto de eu o ter magoado. Dei-lhe o empurrão de que ele precisava para sair de Washington. Conta-me o que já pesquisou acerca da Califórnia e faz-me companhia até ao fim da tarde. Durante todo o tempo em que esteve comigo, a minha mãe permaneceu no seu quarto.

Saio para o jardim das traseiras e vou até à estufa onde passei grande parte da minha infância. Vejo a minha imagem no vidro e olho para dentro da pequena estrutura, notando que todas as plantas e flores estão mortas e que está tudo num enorme caos. Um ambiente que se ajusta bem ao momento que vivo.

Tenho tanta coisa para fazer, para decidir. Tenho de encontrar um lugar para viver e de arranjar uma maneira de tirar todas as minhas coisas do apartamento do Hardin. Ainda ponderei seriamente em deixar lá tudo, mas não posso. Só tenho as roupas que tenho vestidas e, mais importante ainda, preciso dos meus livros de estudo.

Tiro o telemóvel do bolso e ligo-o. A minha caixa de correio está cheia e há a indicação de que tenho mensagens de voz. Ignoro estas últimas mas quero saber quem me enviou as mensagens escritas. São todas do Hardin, exceto uma.

A Kimberly escreveu-me: «O Christian pediu-me para te dizer para amanhã ficares em casa. Ao meio-dia, o primeiro andar vai ser pintado e vão ter todos que sair; por isso, fica em casa. Se precisares de alguma coisa, diz. Bjs.»

Fico aliviada ao saber que tenho o dia de amanhã livre. Gosto imenso do meu estágio, mas começo a ponderar pedir transferência da WCU, talvez mesmo sair de Washington. O *campus* não é suficientemente grande para que eu possa evitar encontrar-me com o Hardin e com todos os seus amigos, e não quero estar constantemente a confrontar-me com o relacionamento que tive com ele. Ou, mais exatamente, o relacionamento que eu pensava ter tido com ele.

Quando volto para casa, tenho as mãos e a cara dormentes com o frio. A minha mãe está sentada numa cadeira, a ler uma revista.

— Posso ficar cá a dormir? — pergunto-lhe.

Levanta os olhos por uns instantes. — Sim. E amanhã decidimos os passos a dar para arranjares um lugar numa residência universitária — diz e regressa à sua leitura.

Como percebo que esta noite a minha mãe não quer continuar a conversar, subo para o meu antigo quarto, que em nada mudou desde que me fui embora. A minha mãe não alterou nada. Não me dou ao trabalho de retirar a maquilhagem antes de ir para a cama. Com dificuldade, acabo por adormecer e sonho com os tempos em que a minha vida era muito melhor. Antes de conhecer o Hardin.

Acordo a meio da noite com o telemóvel a tocar. Mas ignoro-o, pensando por uns instantes se o Hardin estará a conseguir dormir.

Na manhã seguinte, antes de sair para o trabalho, a minha mãe limita-se a dizer-me que vai telefonar para a universidade para me arranjar um lugar num dos dormitórios, mas num edifício distante da minha anterior residência. Início a minha viagem de regresso, com intenção de ir para o *campus*, mas, a meio caminho, decido ir ao apartamento. Deixo a autoestrada na saída que me leva ao apartamento e guio rapidamente, antes que me arrependa desta decisão.

Quando chego ao empreendimento de edifícios, examino, por duas vezes, o parque de estacionamento, para ver se o carro do Hardin lá está. Asseguro-me da sua ausência, estaciono e, em passo rápido, atravesso o parque de estacionamento coberto de neve. Quando entro no edifício, a base das minhas calças de ganga está encharcada e eu estou gelada. Tento pensar em qualquer coisa para me abstrair do Hardin, mas é impossível.

O Hardin devia mesmo odiar-me para chegar a este extremo, convencer-me a mudar para um apartamento longe de toda a gente que eu conheço ao mesmo tempo que arruinava a minha vida. Neste momento, deve estar muito orgulhoso de si próprio por me ter causado tanto sofrimento.

Enquanto procuro as minhas chaves para abrir a porta da nossa casa, uma onda de pânico desaba sobre mim e sinto-me à beira de desfalecer.

Quando é que isto vai parar? Ou, pelo menos, abrandar?

Vou diretamente para o quarto e tiro as minhas malas do armário, onde enfio, à bruta e sem cuidado, todas as minhas roupas. Olho de relance para a mesa de cabeceira e vejo uma pequena moldura com um retrato, onde estou eu e o Hardin, a rirmos, antes do casamento do Ken.

Infelizmente, era tudo mentira. Inclino-me sobre a cama para chegar à moldura e atiro-a para o chão de cimento. Desfaz-se em pedaços. Saio da cama, pego na fotografia e rasgo-a em pedacinhos, o mais pequenos possível. Só me dou conta de que estou a soluçar quando sinto dificuldade em respirar.

Pego nos meus livros, empilhando-os numa caixa vazia, e, instintivamente, incluo o exemplar de *O Monte dos Vendavais* do Hardin. Ele não vai dar pela falta e, para ser sincera, eu mereço ficar com o livro, depois de tudo o que ele me tirou.

Sinto a garganta a arder e vou à cozinha buscar um copo de água. Sento-me na mesa e permito-me, durante alguns minutos, fantasiar que nada aconteceu. Fantasiar que, em vez de ter de enfrentar sozinha os dias que estão para vir, o Hardin deve estar a chegar a casa, vindo das aulas, e vai-me sorrir e dizer que me ama e que passou o dia com saudades minhas. Que me vai sentar em cima do balcão e beijar, com desejo e amor...

O ruído da porta a abrir-se arranca-me do meu patético devaneio. Ponho-me imediatamente em pé, ao mesmo tempo que o Hardin entra em casa. Ele não me vê, já que está a olhar para trás.

Para uma morena com um vestido de lã preto.

— Então, é isto... — começa a dizer e cala-se quando repara nas minhas malas no chão.

Paralisada, observo os seus olhos a percorrerem o apartamento e, em seguida, a dirigirem-se para a cozinha, arregalando-se, sobressaltados com a minha presença.

— Tess? — diz, como se não tivesse a certeza de que, na verdade, eu existisse.

TESSA

Estou um caco. Estou com umas calças de ganga largueironas e uma *sweatshirt*, a maquilhagem da véspera toda borrada e o cabelo despen-teado. Olho para a rapariga que está atrás dele. O seu cabelo castanho encaracolado e sedoso cai-lhe pelas costas em cascatas de ondas soltas. Está ligeira e perfeitamente maquilhada, mas, na verdade, é uma daquelas mulheres que não precisam de recorrer a isso. Tinha de ser.

Que humilhação; quem me dera poder desaparecer pelo chão abaixo, desaparecer da vista desta rapariga tão bonita.

Baixo-me para pegar numa das minhas malas que estão no chão, no mesmo momento em que o Hardin parece lembrar-se da presença da rapariga e se vira para trás, para ela.

— Tessa, o que é que estás a fazer aqui? — pergunta. Limpo a maqui-lhagem borrada em redor dos meus olhos e ele pede à sua nova amiga: — Dás-nos um minuto?

Ela olha para mim, depois acena com a cabeça e volta para o corredor do prédio.

— Não posso acreditar que estejas aqui — diz e entra na cozinha. Ao tirar o casaco, a *T-shirt* branca sobe ligeiramente e revela a pele tatuada do seu tronco. A imagem desenhada no estômago, ramos entrelaçados de uma árvore morta, provoca-me. Incita-me a tocar-lhe. Adoro essa tatuagem, é a minha favorita. Mas só agora é que entendo o paralelo que existe entre ele e a árvore. Ambos insensíveis. Ambos sós. A árvore, pelo menos, tem esperança de voltar a florescer. O Hardin não.

— Eu... estava de saída — consigo dizer. Ele está com um aspeto tão perfeito, tão belo. Um belo desastre.

— Por favor, deixa-me explicar — suplica e eu constato que as olheiras escuras em redor dos seus olhos são ainda maiores do que as minhas.

— Não. — Pego de novo nas minhas malas, mas ele tira-mas das mãos e volta a pousá-las no chão.

— Dois minutos, é tudo o que eu te peço, Tess.

Dois minutos é tempo de mais para estar aqui com o Hardin, mas eu preciso de um ponto final para continuar com a minha vida. Suspiro e sento-me, tentando conter qualquer som que desmascare a minha expressão neutra. É evidente que o Hardin fica surpreendido, mas senta-se imediatamente à minha frente.

— Vejo que não perdeste tempo — digo calmamente, apontando com o queixo na direção da porta.

— O quê? — exclama o Hardin e depois parece que se lembra da rapariga morena. — Ela trabalha comigo; o marido dela ficou lá em baixo, com a filha recém-nascida. Estão a pensar mudar de casa e por isso ela quis vir ver a nossa... ver como é por dentro.

— Vais-te embora? — pergunto.

— Não. No caso de tu ficares, não. Mas acho que não faz sentido ficar aqui sem ti. Ainda estou a decidir o que fazer.

Fico ligeiramente aliviada, mas em seguida a minha faceta mais defensiva reconhece que, lá por ele não andar a dormir com a morena, isso não quer dizer que não vá rapidamente para a cama com outra qualquer. Tento não valorizar uma certa tristeza que me invade quando o Hardin afirma que vai deixar o apartamento, apesar de eu já cá não estar quando isso acontecer.

— Achas que eu trazia alguém para o nosso apartamento? Passaram apenas dois dias; é isso que pensas de mim?

Ele tem uma lata! — Sim! É claro que penso isso de ti!

Acompanho esta minha afirmação com vigorosos acenos de cabeça, provocando-lhe uma expressão de dor. Mas, passados uns momentos, ele limita-se a suspirar, derrotado. — Onde é que ficaste ontem à noite? Fui a casa do meu pai e tu não estavas lá.

— Em casa da minha mãe.

— Ah. — Baixa a cabeça, contemplando as mãos. — Fizeram as pazes?

Olho-o nos olhos. Como é possível que ele tenha a lata de me fazer perguntas sobre a minha família? — É um assunto que já não te diz respeito.

Faz menção de estender os braços na minha direção, mas suspende este gesto. — Tive saudades tuas, Tessa.

Fico de novo sem fôlego, mas lembro-me de que ele é um impostor nato. Recuso deixar-me levar pela sua conversa. — De certeza que sim.

Apesar do turbilhão das minhas emoções, não me posso mostrar abatida à sua frente.

— Tive mesmo, Tessa. Sei que a maior parte do tempo só fiz asneiras, mas eu amo-te. Eu preciso de ti.

— Deixa-te disso, Hardin. Não percas tempo, nem energia. Já não me consegues enganar mais. Já conseguiste o que querias, porque é que não paras com isso?

— Porque não consigo. — Ele tenta pegar-me na mão, mas eu afasto-o. — Eu amo-te. Dá-me a oportunidade de eu te compensar. Eu preciso de ti, Tessa. Preciso de ti. E tu também precisas de mim...

— Não, na verdade não preciso. Eu estava bem antes de tu entrares na minha vida.

— Estar bem não é estar *feliz* — declara.

— *Feliz?* — troço. — Ah, então eu agora estou feliz? — Como é que ele se atreve a afirmar que me faz feliz?

Mas ele fez-me mesmo ser feliz. Muito feliz, mesmo, noutros tempos.

— Não podes estar aqui sentada e dizer-me que não acreditas que eu te amo.

— Eu sei que não me amas, para ti foi tudo um jogo. Enquanto eu estava a apaixonar-me por ti, tu estavas a usar-me.

Os seus olhos estão marejados de lágrimas. — Deixa-me provar que te amo, por favor. Eu faço o que for preciso, Tessa. O que for preciso.

— Já me deste provas suficientes, Hardin. A única razão pela qual eu ainda estou aqui sentada é porque eu devo isso a mim própria, ouvir o que tens a dizer para poder seguir com a minha vida.

— Eu não quero que sigas com a tua vida — afirma.

Suspiro fundo. — Não se trata do que *tu* queres! Trata-se do quanto tu me *magoaste*.

O seu tom de voz é débil e trémulo. — Disseste que nunca me ias deixar.

Não confio em mim quando ele se expõe assim. Odeio que o seu sofrimento me perturbe, me torne irracional. — Eu disse que não te deixaria se não me desses um motivo para o fazer. Mas tu *deste*.

Agora já entendo porque é que ele estava sempre preocupado com a hipótese de eu o deixar. Eu pensava que ele vivia com a paranoia de não ser suficientemente bom para mim, mas estava enganada. Muito

enganada. Ele sabia que no dia em que descobrisse tudo eu me iria embora a correr. Neste momento, eu devia ir-me embora a correr. Desculpava-lhe o comportamento por causa dos traumas por que passou durante a infância, mas agora começo a ponderar se ele não mentiu acerca disso. Acerca de tudo.

— Não posso continuar com isto. Eu confiei em ti, Hardin, confiei profundamente em ti; vivia para ti, amava-te, e tu passaste o tempo todo a usar-me. Fazes alguma ideia de como eu me sinto? Sabendo que toda a gente à minha volta troçava de mim e se ria nas minhas costas, incluindo tu, a pessoa em quem eu mais confiava.

— Eu sei, Tessa, eu sei. Nem sei como te fazer entender o quanto lamento o que aconteceu. Não sei que raio se estava a passar comigo quando sugeri aquela aposta. Pensei que ia ser fácil... — As mãos tremem-lhe enquanto se justifica. — Achei que ias para a cama comigo e que tudo ia acabar aí. Mas tu mostraste-te tão difícil e tão... fascinante que acabei por estar a pensar em ti constantemente. Sentava-me no meu quarto a tentar arquitetar planos para te ver, mesmo que fosse apenas para discutir contigo. Percebi que já não se tratava apenas de uma aposta no dia do riacho, mas recusei-me a admiti-lo. Isso provocou-me um conflito interno e eu estava preocupado com a minha reputação. Sei que o que estou a dizer é horrível, mas estou a tentar ser honesto contigo. E ao contar a toda a gente as coisas que fizemos, não lhes revelei o que verdadeiramente fazíamos... não fui capaz de te fazer isso, mesmo no princípio. Inventei merdas que na verdade não aconteceram e eles engoliram tudo.

Rolam-me umas lágrimas dos olhos e ele estende a mão para as enxugar. Não me afasto o suficiente e, quando me toca, sinto um ardor na pele. Reúno todas as minhas forças para não deixar cair a cabeça na palma da sua mão.

— Odeio ver-te deste modo — murmura. Fecho os olhos e volto a abri-los, tentando desesperadamente conter as lágrimas. Permaneço em silêncio, enquanto ele continua: — Juro que é verdade, eu estava a contar ao Nate e ao Logan o episódio do riacho, mas comecei a sentir-me irritado, ciumento mesmo, com a ideia de eles saberem o que eu fiz contigo... as sensações que te provoquei... e então disse-lhes que tu me fizeste... bom, inventei.

Eu sei que mentir acerca do que se passou não é melhor do que contar a verdade, nem por sombras. Mas, inexplicavelmente, sinto algum alívio

por o Hardin e eu sermos as únicas pessoas que verdadeiramente sabem o que aconteceu entre nós, que conhecem os verdadeiros detalhes dos nossos momentos íntimos.

O que não é suficiente. E, mais uma vez, provavelmente ele está a mentir — nunca o poderei saber —, e aqui estou eu, de novo a acreditar piamente nele. *O que é que se passa comigo?*

— Mesmo que seja verdade, eu não posso perdoar-te — digo. Pestanejo, para conter as lágrimas, e ele tapa a cara com as mãos.

— Não me amas? — pergunta, olhando para mim por entre os dedos.

— Sim. Amo — admito. A minha confissão impõe-se pesadamente entre nós. Ele baixa as mãos, com uma expressão que me faz arrependerm-me do que acabei de dizer. No entanto, é a verdade. Eu amo-o. Eu amo-o muito.

— Então porque é que não me podes perdoar?

— Porque é imperdoável, não te limitaste a mentir. Tiraste-me a virgindade para ganhar uma aposta... e depois mostraste a toda a gente o sangue nos lençóis. Achas que é possível perdoar?

Ele deixa cair as mãos, com desespero nos seus olhos verdes brilhantes. — Tirei-te a virgindade porque te amo! — diz e eu abano vigorosamente a cabeça. Então ele acrescenta: — Não sei mais o que sou sem ti.

Desvio o olhar. — De qualquer modo, isto não ia resultar, ambos o sabíamos — digo-lhe para melhorar o meu estado de espírito. É difícil estar sentada à sua frente e vê-lo sofrer, mas ao mesmo tempo o meu desejo de justiça faz com que o seu sofrimento aligeire o meu... até certo ponto.

— Porque é que não ia resultar? Estava tudo a correr tão bem...

— Tudo o que construímos assentava numa mentira, Hardin. — E porque o sofrimento dele aumenta a minha autoconfiança, acrescento: — Além disso, olha para ti e olha para mim. — Não foi intencional, mas a expressão do seu rosto quando uso a sua maior insegurança em relação a nós contra ele lembra-me que ele merece, embora também me entristeça. Sempre se sentiu inseguro em relação à opinião dos outros quando nos viam juntos, já que achava que eu era boa de mais para ele. E agora atirei-lhe isso à cara.

— É tudo por causa do Noah? Estiveste com ele, não foi? — pergunta o Hardin e eu fico boquiaberta com a sua ousadia. Os seus olhos brilham, lacrimejantes, e tenho que ter bem presente que foi ele que provocou tudo isto. Ele arruinou tudo.

— Sim, estive, mas isso não interferiu em nada. É esse o teu problema: andas por aí a fazer o que te apetece às pessoas, estando-te nas tintas para as consequências, e esperas que as pessoas aceitem tudo! — grito e levanto-me da mesa.

— Não, isso não é verdade, Tessa! — grita e eu reviro os olhos. Então, faz uma pausa, levanta-se e olha primeiro pela janela e depois de novo para mim. — Está bem, sim, talvez tenhas razão. Mas eu gosto mesmo de ti.

— Olha, devias ter pensado nisso quando te andavas a gabar da tua conquista — digo, com firmeza.

— A minha conquista? Deves estar a *brincar* comigo, não estás? Tu não és uma simples conquista minha; tu és tudo para mim. Tu és o ar que eu respiro, a dor que eu sinto, o meu coração, a minha vida! — Dá um passo na minha direção. O que mais me entristece é que estas são as palavras mais comoventes que o Hardin alguma vez me disse, só que está a gritá-las.

— Bem, tudo isso já vem tarde de mais! — riposto, também aos gritos. — Tu achas que podes...

Ele apanha-me de surpresa, agarrando-me pelo pescoço e puxando-me para ele, juntando os seus lábios aos meus. O calor familiar da sua boca quase me faz perder as forças nas pernas. A minha língua retribui o movimento da dele antes de me dar conta do que está a acontecer. Ele geme de alívio e eu tento afastá-lo. Agarra os meus pulsos com uma mão, segura-os junto ao seu peito e continua a beijar-me. Continuo a lutar para me libertar, mas a minha boca continua a acompanhar a dele. Ele dá uns passos atrás levando-me com ele até embatermos na bancada da cozinha, com a outra mão a segurar-me o pescoço, mantendo-me presa. Toda a minha angústia e dor no coração começam a dissolver-se e eu relaxo as mãos. Isto é errado mas faz-me sentir bem.

Mas é errado.

Afasto-me e ele tenta juntar de novo os nossos lábios, mas eu viro a cabeça. — Não — determino.

Olha-me docemente. — Por favor — suplica.

— Não, Hardin. Eu tenho de me ir embora.

Larga os meus pulsos. — Ir para onde?

— Eu... ainda não sei. A minha mãe está a tentar encontrar-me uma residência.

— Não... não... — Ele abana a cabeça e acrescenta num tom cada vez mais agitado: — Tu vives aqui, não voltes para uma residência.

— Passa as mãos pelo cabelo. — Se alguém deve sair, sou eu. Por favor, fica aqui para eu saber onde é que estás.

— Não precisas de saber onde é que eu estou.

— Fica — repete.

Para ser completamente honesta, eu quero ficar. Quero dizer-lhe que o amo mais do que tudo, mas não posso. Recuso-me a voltar atrás com a minha decisão e a tornar-me o tipo de rapariga que permite que os rapazes abusem dela.

Pego nas minhas coisas e digo-lhe a única coisa que sei que o impedirá de me seguir. — Tenho de ir, o Noah e a minha mãe estão à minha espera — minto e vou-me embora.

Ele não me segue e eu domino o meu desejo de olhar para trás para ver a sua mágoa.

TESSA

Entro no meu carro e, contrariamente ao que esperava, não desato a chorar. Deixo-me ficar sentada a olhar pela janela. A neve pega-se ao limpa-para-brisas, enclausurando-me no interior. O vento em redor do carro é caótico, levantando a neve do chão, fazendo-a rodopiar e lançando-a contra o vidro, como se fosse um escudo. Os flocos de neve que revestem o vidro formam uma barreira entre a dura realidade e o espaço em que me encontro.

Não posso acreditar que o Hardin veio ao apartamento enquanto eu lá estava. Tive esperança de não o ver. No entanto, foi benéfico, não o sofrimento mas a oportunidade criada. Pelo menos, agora posso deixar para trás este tempo desastroso da minha vida. Desejo acreditar que ele me ama, mas foi por acreditar nele que cheguei a esta situação. A sua atitude pode dever-se ao facto de ter consciência de que não tem mais controlo sobre mim. E mesmo que me ame, o que é que isso iria alterar? Isso não anularia tudo o que ele me fez, não anularia todos os enganos, nem a sua fanfarronice acerca das coisas que fizemos, nem as mentiras.

Quem me dera ter a possibilidade de arrendar o apartamento sozinha; ficava lá a viver e mandava o Hardin sair. Não quero morar numa residência e arranjar uma nova companheira de quarto; não quero um balneário coletivo. Porque é que tudo tinha de começar com uma mentira? Se nos tivéssemos conhecido noutras circunstâncias, podíamos estar agora a partilhar o apartamento, a rir no sofá ou a beijarmo-nos na cama. Em vez disso, estou sozinha no meu carro, sem ter para onde ir.

Quando, por fim, ligo o carro, as minhas mãos estão geladas. Teria sido melhor ter esperado pelo verão para ser uma sem-abrigo.

Sinto-me de novo como a Catherine, mas não a habitual personagem de *O Monte dos Vendavais*. Desta vez, identifico-me com a Catherine de

A Abadia de Northanger: ofendida e obrigada a fazer uma longa viagem a sós. É certo que eu não vou fazer uma viagem de mais de cem quilómetros depois de ter sido humilhada e despedida de Northanger, mas, todavia, sinto uma dor semelhante. Não consigo decidir com que personagem deste romance é que o Hardin se parece. Por um lado, assemelha-se a Henry, inteligente e divertido, com um conhecimento de literatura tão profundo como o meu. No entanto, Henry é mais simpático do que o Hardin e, neste aspeto, o Hardin é mais parecido com John, arrogante e mal-educado.

Ao conduzir pela cidade sem destino, chego à conclusão de que as palavras do Hardin tiveram um impacto maior em mim do que eu gostaria de admitir. As suas súplicas para eu ficar quase recompuseram as coisas, para depois as destruir outra vez. Tenho a certeza de que ele só queria que eu ficasse para provar o seu poder. Na verdade, desde que me vim embora, ele ainda não telefonou, nem mandou mensagens.

Forço-me a ir ao *campus*, para realizar o último exame antes das férias de Natal. Sinto-me tão distante, durante o exame, e parece-me impossível que haja alguém no *campus* que não saiba o que eu estou a passar. Mas suponho que um sorriso forçado e uma conversa fútil podem disfarçar uma dor lancinante.

Telefono à minha mãe para saber como estão a correr as suas diligências para me arranjar uma nova residência, mas ela apenas murmura «até agora nada» e desliga imediatamente o telefone. Guio sem destino, durante algum tempo, e quando noto que já são cinco da tarde, percebo que estou a um quarteirão da Vance. Não quero abusar do Landon e pedir-lhe para ficar outra vez em sua casa. Sei que ele não se ia importar, mas não é correto da minha parte meter a família do Hardin ao barulho, e, sinceramente, aquela casa carrega demasiadas memórias. Eu não ia aguentar. Passo por uma rua onde se alinham vários motéis e estaciono no parque de um dos que me parece terem um aspeto decente. Nunca fiquei hospedada num motel, mas, na verdade, não tenho outro sítio para onde ir.

Atrás do balcão, um homem baixinho sorri-me e pede-me, com amabilidade, a minha carta de condução. Uns minutos depois, entrega-me o cartão da porta e um pedaço de papel com a *password* para poder aceder ao *wi-fi*. Arranjar um quarto é mais fácil do que eu imaginava — é um pouco caro, mas não quero ficar hospedada num sítio barato e pôr em risco a minha segurança.

— Siga pelo passeio e vire à esquerda — informa-me com um sorriso.

Agradeço-lhe e saio para o frio intenso do exterior; entro no carro e estaciono-o ao lado do quarto que me foi destinado, para não ter de carregar com as minhas malas.

Cheguei a esta situação por causa daquele rapaz sem tino e egoísta: vou ficar sozinha num motel, com todos os meus pertences amontoados dentro de malas. Aquela rapariga que sempre planeou tão bem a sua vida não tem agora ninguém em quem se apoiar.

Pego em algumas das malas e fecho o carro, que parece insignificante, comparado com o *BMW* que está estacionado ao lado. Quando imagino que o dia não pode correr pior, uma das minhas malas escorrega-me da mão para o passeio coberto de neve e as minhas roupas e alguns dos meus livros caem na neve molhada. Tento apanhá-los com a minha mão livre, sem coragem para averiguar quais os livros que caíram — não aguentaria ver os meus bens favoritos a destruírem-se comigo, hoje não.

— Deixe-me ajudá-la — diz uma voz masculina, ao mesmo tempo que uma mão tenta apanhar as coisas do chão. — *Tessa?*

Surpreendida, ergo o olhar e vejo uns olhos azuis e um rosto com uma expressão apreensiva. — Trevor? — pergunto, embora seja evidente que se trata dele. Levanto-me e olho em redor. — O que é que estás aqui a fazer?

— Também te perguntava a mesma coisa. — Sorri.

— Bem... Eu... — Mordo o lábio.

Mas ele dispensa a minha explicação. — Tive um problema com a canalização e vim para aqui. — Dobra-se, começa a apanhar as minhas coisas e, erguendo as sobranceiras, entrega-me um exemplar encharcado de *O Monte dos Vendavais*. Em seguida, entrega-me umas *sweaters* molhadas e o livro *Orgulho e Preconceito*, dizendo num tom pesaroso: — Toma... este está mesmo em mau estado.

O universo está perversamente a brincar comigo!

— Eu já imaginava que gostavas dos clássicos — diz-me com um sorriso amistoso. Tira-me as malas da mão e eu agradeço-lhe com vários acenos com a cabeça, antes de introduzir o cartão na porta e a abrir. O apartamento está gelado e rodo o botão do aquecimento para o máximo.

— Pelo preço que nos cobram, não se deviam incomodar com a conta da eletricidade — diz o Trevor e pousa as minhas malas no chão.

Sorrio e assinto com a cabeça. Pego nas roupas que caíram na neve e ponho-as a secar no varão das cortinas do duche. Quando regresso ao

quarto, instala-se um silêncio incómodo com esta pessoa que eu mal conheço, que está no meu quarto, quarto este que, na verdade, não é meu. — O teu apartamento fica perto daqui? — pergunto para quebrar o silêncio.

— Casa. Mas sim, fica a cerca de quilómetro e meio. Gosto de viver perto do trabalho, para não chegar atrasado.

— É uma boa ideia... — É uma preocupação que eu também poderia ter.

O Trevor fica tão diferente em roupas informais. Sempre o vi com um fato, mas neste momento ele está com umas calças de ganga confortáveis e uma *sweatshirt* vermelha. Tem o cabelo despenteado, quando, habitualmente, se apresenta perfeitamente penteado e com gel.

— Também acho. Então, estás aqui sozinha? — pergunta e olha para o chão, obviamente atrapalhado com a sua curiosidade.

— Pois. Estou sozinha. — As minhas palavras têm um significado mais profundo do que ele imagina.

— Não quero ser intrometido, só perguntei porque o teu namorado não parece gostar muito de mim. — Dá um risinho e afasta o seu cabelo preto da testa.

— Ah, o Hardin não gosta de ninguém; não tomes isso como uma questão pessoal. — Roo as unhas. — E ele não é o meu namorado.

— Ah, desculpa, pensei que era.

— E era... de certo modo.

Era? O Hardin disse que era. Mas, na verdade, ele disse muitas coisas.

— Ah, desculpa outra vez. Não paro de dizer as coisas erradas.

— Ri-se.

— Não faz mal, não me importo — respondo e acabo de desfazer as minhas malas.

— Queres que me vá embora? Não quero estar a intrometer-me. — Dá meia-volta em direção à porta como que a mostrar que está a ser sincero.

— Não, não, podes ficar. Se quiseres, claro. Não és obrigado — digo muito depressa.

O que é que se passa comigo?

— De acordo, então eu fico — diz e senta-se na cadeira que está perto da secretária. Procuo um sítio para me sentar e acabo por escolher a borda da cama. Estou suficientemente afastada dele, notando como o quarto é realmente espaçoso.

— Então, o que é que estás a achar de trabalhar na Vance? — pergunta, fazendo desenhos com os dedos no tampo de madeira da secretária.

— Gosto imenso. É ainda melhor do que eu estava à espera. É literalmente o trabalho com que sonhei. Espero que me contratem, depois de me licenciar.

— Ah, acho que te vão fazer uma proposta muito antes disso. O Christian gosta muito de ti; há uns dias, o tema de conversa do almoço foi um parecer que entregaste na semana passada. Ele acha que és perspicaz e, vindo dele, é um enorme elogio.

— A sério? Ele disse isso? — Não consigo deixar de sorrir. Sinto-me envergonhada e incomodada ao fazê-lo, mas, ao mesmo tempo, é reconfortante.

— Pois, então porque é que te ia convidar para ires à conferência? Só vamos nós os quatro.

— Nós os quatro? — pergunto.

— Pois. Eu, tu, o Christian e a Kim.

— Ah, não sabia que a Kim também ia. — Espero desesperadamente que o Sr. Vance não me tenha convidado apenas por obrigação, dada a minha relação com o Hardin, o filho do seu melhor amigo.

— Ele não era capaz de passar o fim de semana sem ela — brinca o Trevor. — Por causa da sua competência profissional, claro.

Sorriso ligeiramente. — Pois, é evidente. E tu, porque é que vais? — pergunto e logo em seguida apetece-me esbofetear-me. — Quero dizer, porque é que vais se trabalhas no setor financeiro, não é? — tento clarificar.

— Sim, eu percebi, vocês os ratos de biblioteca não precisam de uma calculadora humana por perto. — Revira os olhos e ri-se, dá uma verdadeira gargalhada. — Muito em breve, ele vai abrir um segundo escritório em Seattle e, nesse sentido, vamos ter uma reunião com um potencial investidor. Além disso, vamos procurar locais para o escritório, e ele precisa de mim para ter a certeza de que vai fazer um bom negócio, e da Kimberly para se certificar de que o edifício que escolhermos se adapta ao nosso trabalho.

— Também estás por dentro dos negócios imobiliários? — O quarto está finalmente aquecido; tiro os sapatos e sento-me sobre os pés.

— Não, nada disso, mas sou bom em números — gaba-se. — E vão ser uns dias bem passados. Seattle é uma cidade bonita. Já lá estiveste?

— Sim, é a minha cidade favorita. Não que eu conheça muitas para ter termo de comparação...

— Eu também não. Sou do Ohio e por isso não conheço muitas cidades. Comparada com o Ohio, Seattle parece Nova Iorque.

Começo a estar genuinamente interessada em conhecer melhor o Trevor. — O que é que te fez vir para Washington?

— Bem, a minha mãe morreu quando eu estava no último ano do secundário e eu tive de me ir embora. Há muito mais para ver, não é? Antes de ela morrer, prometi-lhe que não passaria o resto da minha vida naquela cidade horrível onde vivíamos. O dia em que fui aceite na WCU foi o melhor e o pior dia da minha vida.

— Pior? — pergunto.

— A minha mãe morreu nesse mesmo dia. É irónico, não é? — Faz um sorriso amarelo. Move apenas metade da sua boca, o que é adorável.

— Que triste...

— Não fiques com pena. Ela era uma daquelas pessoas que não pertenciam a este mundo e destoava de todos nós. Era boa de mais, sabes? Conseguimos conviver com ela mais tempo do que merecíamos e eu acho que valeu mesmo a pena — diz. Faz um sorriso franco e gesticula na minha direção. — E então tu? Ficas cá para sempre?

— Não, sempre quis ir para Seattle. Mas ultimamente tenho estado a pensar mudar-me ainda para mais longe — admito.

— E deves. Devias viajar e conhecer tudo o que te for possível. Uma mulher como tu não deve ficar fechada numa masmorra. — Ele deve ter reparado na minha expressão de estranheza porque acrescenta rapidamente: — Desculpa... Só queria dizer que podes fazer muita coisa. Acho que tens muitas capacidades.

Mas eu não fiquei chateada com o que ele disse. O facto de ele ter falado de mim como uma «mulher» fez-me ficar feliz; durante toda a minha vida, senti-me sempre uma criança, porque todos me trataram como tal. O Trevor é apenas um amigo, um novo amigo, mas estou mesmo contente por ter a sua companhia neste dia terrível.

— Já jantaste? — pergunto.

— Ainda não. Estava hesitante entre pedir ou não uma piza, para não ter de voltar para esta tempestade de neve. — Ri-se.

— Podemos comer uma a meias? — proponho.

— De acordo — responde, com a expressão mais simpática que eu vi em muito tempo.

HARDIN

O meu pai está com uma expressão completamente idiota; é o que acontece sempre que tenta ser autoritário, como agora, de braços cruzados, plantado à entrada da porta de casa.

— Ela não vem para cá, Hardin; sabe que a irias encontrar aqui.

Contenho o desejo de lhe partir os dentes. Em lugar disso, passo as mãos pelo cabelo, estremecendo ligeiramente com a dor que sinto nos nós dos dedos. Desta vez, os golpes são mais profundos do que o costume. Esmurrar a parede fez-me mais danos nas mãos do que eu pensava. Não é nada em comparação com o que sinto interiormente. Nunca pensei que esta dor existisse; é muito pior do que qualquer dor física que eu possa provocar a mim mesmo.

— Filho, acho mesmo que lhe devias dar algum espaço.

Mas quem é que ele pensa que é?

— Espaço? Ela não precisa de espaço! Ela precisa de vir para casa! — grito. A velhinha da casa do lado volta-se para nós e eu ergo os meus braços para ela.

— Por favor, não sejas malcriado com os meus vizinhos — avisa-me o meu pai.

— Então, diga aos seus vizinhos que se metam na vida deles!

— Tenho a certeza de que a senhora de cabelo grisalho ouviu *isto*.

— Adeus, Hardin — diz o meu pai com um suspiro e fecha a porta.

— *Merda!* — grito. Volto para trás e fico a dar voltas no jardim até, por fim, regressar ao meu carro.

Onde é que ela se meteu? Estou furioso e loucamente preocupado com ela. Estará sozinha ou com medo? Claro que, conhecendo a Tessa, sei que ela não tem medo de nada; deve estar a avaliar as razões por que me odeia. Na verdade, o mais provável é estar a escrevê-las. A sua necessidade de controlar tudo e as suas estúpidas listas costumavam pôr-me

fora de mim, mas agora tudo o que eu queria era vê-la a rabiscar as coisas mais irrelevantes. Dava tudo para a ver a morder o lábio inferior quando se concentra, ou para ver aquela expressão carrancuda a tomar conta do seu rosto doce, mesmo que fosse por uma só vez. Agora que ela foi ter com o Noah e com a mãe, já não há a mínima chance. Quando ela voltar a constatar que ele é melhor do que eu, será de novo dele.

Telefone-lhe outra vez, mas, pela vigésima vez, a chamada vai direta para o atendedor. Que merda, sou mesmo um idiota. Depois de a procurar em todas as bibliotecas, todas as livrarias, decido voltar para o apartamento. Pode ser que ela apareça, pode ser que ela apareça... sei que não o vai fazer.

Mas e se aparece mesmo? Tenho de limpar toda a enorme porcaria que fiz e comprar pratos novos para substituírem os que eu despedacei contra as paredes... para o caso de ela voltar a casa.

Uma voz masculina ecoa pelo ar, fazendo os meus ossos vibrar:
— Onde é que tu estás, Scott?

— Eu vi-o sair do bar. Sei que ele está por aqui — diz outro homem.

O chão está frio quando eu salto da cama. Ao princípio, pensei que era o meu pai e os seus amigos, mas agora já não me parece.

— Anda cá, anda cá, onde quer que estejas! — grita a voz mais grave e ouço um enorme estrondo.

— Ele não está cá — diz a minha mãe quando desço as escadas e os vejo a todos. A minha mãe e quatro homens.

— Ena, olha o que temos aqui — diz o homem mais alto. — Quem ia dizer que o Scott tinha uma mulher tão boa. — Agarra a minha mãe pelo braço e arranca-a do sofá.

Ela torce a própria blusa, desesperada. — Por favor... ele não está cá. Se ele vos deve dinheiro, eu dou-lhes todo o que eu tenho. Podem levar qualquer coisa cá de casa... a televisão...

Mas o homem limita-se a troçar dela. — Uma televisão? Não quero a merda de uma televisão.

Vejo-a a debater-se para se libertar dele, tal como um peixe que um dia pesquei. — Tenho algumas joias... não são muitas, mas, por favor...

— Cala a boca! — diz outro homem e dá-lhe uma bofetada.

— Mãe! — grito e corro para a sala.

— Hardin... vai lá para cima! — grita ela, mas eu não vou deixar a minha mãe com estes homens maus.

— Põe-te daqui para fora, puto de merda — diz-me um deles, empurrando-me, e eu caio de rabo. — Estás a ver, minha cabra, o problema é que o teu marido fez isto — rosna, apontando para a própria cabeça, onde vejo um enorme golpe. — E como ele não está cá, a única coisa que queremos és tu. — Ele sorri e ela dá-lhe um pontapé.

— Hardin, querido, vai lá para cima... Já! — grita-me ela.

Porque é que ela está zangada comigo?

— Acho que ele quer ver — diz o homem magoado e empurra-a para o sofá.

Acordo sobressaltado e sento-me.

Merda.

Isto tornou-se recorrente, cada noite é pior do que a última. Habituei-me ao facto de os pesadelos terem desaparecido e de conseguir dormir. Graças a ela, tudo graças a ela.

Mas aqui estou eu às quatro da manhã, com os lençóis ensanguentados devido às minhas feridas nos nós dos dedos e uma dor de cabeça de morrer por causa dos meus pesadelos.

Fecho os olhos e tento fingir que ela está cá, com esperança de que o sono apareça.

TESSA

— Tess, querida, acorda — sussurra-me o Hardin, tocando com os seus lábios na pele sensível por baixo da minha orelha. — És tão bonita ao acordar.

Sorriso, agarrando-o pelo cabelo para o olhar nos olhos. Esfrego o meu nariz no dele e ele ri-se.

— Amo-te — diz e junta os seus lábios aos meus.

Mas eu não consigo senti-los. — Hardin? — chamo-o. — Hardin?

Mas ele desvanece-se...

Abro rapidamente os olhos e devolvo-me à realidade. O quarto desconhecido está completamente às escuras e por momentos esqueço-me de onde estou. Mas logo me lembro: um quarto de um motel. Sozinha. Tiro o meu telemóvel da mesa de cabeceira e vejo que são apenas quatro da manhã. Enxugo as lágrimas acumuladas no canto dos meus olhos e fecho-os, tentando regressar para junto do Hardin, mesmo que seja apenas em sonho.

Quando volto finalmente a acordar, são sete da manhã. Vou tomar um duche e tento apreciar a água quente que me relaxa. Seco o cabelo e maquilho-me; hoje é o primeiro dia em que me sinto apresentável. Tenho de me livrar deste... caos interior. Sem saber que mais fazer, sigo o exemplo da minha mãe e apresento-me com um rosto perfeito, de modo a soterrar o sofrimento que trago dentro de mim.

Quando termino, estou com um ar descansado e na verdade com muito bom aspeto. Depois de enrolar o cabelo, retiro o meu vestido branco de dentro da mala de viagem e estremeço. Ainda bem que este quarto tem um ferro. Está frio, demasiado frio para este vestido, que mal me chega aos joelhos, mas eu não vou estar muito tempo na rua. Escolho uns sapatos rasos pretos e disponho-os em cima da cama, junto ao vestido.

Antes de me vestir, volto a fazer as malas, arrumando o seu conteúdo. Espero que a minha mãe telefone, com boas novidades sobre as residências. Caso contrário, tenho de ficar aqui hospedada até que ela o faça, e o pouco dinheiro que tenho vai-se esgotar rapidamente. Talvez devesse procurar um apartamento para mim. Talvez tenha capacidade de pagar a renda de um apartamento pequeno, perto da Vance.

Abro a porta e vejo que a neve derreteu quase toda sob o sol da manhã. Ainda bem. Quando estou a abrir a porta do carro, o Trevor sai do seu quarto, que fica a duas portas do meu. Está vestido com um fato preto e uma gravata verde; está com um ar muito composto.

— Bom dia! Eu podia ter-te ajudado a levá-las — diz quando me vê a carregar as malas.

Na noite anterior, depois de comermos piza, vimos um pouco de televisão e partilhámos histórias da faculdade. Ele tinha muito mais histórias do que eu para contar, uma vez que já se licenciou, e embora eu tenha gostado de ouvir o que a minha experiência universitária podia — ou devia — ser, senti também alguma tristeza. Eu não devia ter ido a festas com pessoas como o Hardin. Devia ter encontrado um pequeno mas verdadeiro grupo de amigos. Teria sido tão diferente, tão preferível.

— Dormiste bem? — pergunta-me e retira um porta-chaves do bolso. Com um clique, o motor do *BMW* começa a trabalhar. Claro que o *BMW* é dele.

— O teu carro começa a trabalhar sozinho? — Rio-me.

Ele ergue a chave. — Bom, esta coisa liga o motor.

— Espantoso. — Sorrio com um pouco de sarcasmo.

— Conveniente — replica.

— Extravagante?

— Um pouco. — Ri-se. — Mas mesmo assim muito conveniente. Estás linda hoje, como de costume.

Arrumo as minhas malas na bagageira do meu carro. — Obrigada. Está um gelo cá fora — digo e sento-me ao volante.

— Vemo-nos no trabalho, Tessa — diz e entra no seu *BMW*.

Embora esteja sol, ainda está frio, e por isso meto rapidamente a chave na ignição e rodo-a para o aquecimento começar a funcionar.

Clique... clique... clique... é a única resposta do meu carro.

Com uma expressão aborrecida, tento de novo e o resultado é o mesmo.

— Será que alguma coisa pode correr bem? — grito e bato com as palmas das mãos no volante.

Pela terceira vez, tento que o meu carro comece a trabalhar, mas claro que nada acontece, desta vez nem sequer se ouvem os «cliques». Olho para fora, feliz por o Trevor ainda ali estar. Ele abre a janela do carro e eu não posso deixar de rir perante o meu próprio infortúnio.

— Será que me podes dar uma boleia? — pergunto e ele assente com a cabeça.

— Claro que sim. Acho que sei para onde vais... — Ri-se e eu saio do meu carro.

Durante a curta viagem até à Vance, não resisto a ligar o telemóvel. Surpreendentemente, não tenho novas mensagens de texto do Hardin. Há algumas mensagens de voz, mas não sei se são dele ou da minha mãe. Pelo sim, pelo não, decido não as ouvir e mando uma mensagem à minha mãe a perguntar se tem novidades em relação às residências. O Trevor deixa-me à porta para eu não ter de caminhar ao frio, o que é uma atitude muito atenciosa da parte dele.

— Estás com um ar recomposto — diz a Kimberly, sorrindo, quando eu entro e pego num *donut*.

— Sinto-me um pouco melhor. Um pouco — respondo e sirvo-me de uma caneca com café.

— Estás preparada para o dia de amanhã? Estou cheia de vontade de ir passar o fim de semana fora. Seattle tem umas lojas fantásticas, e enquanto o senhor Vance e o Trevor estiverem nas reuniões, nós podemos arranjar coisas divertidas para fazer. Está... hum... falaste com o Hardin?

Hesito uns instantes, mas decido contar-lhe tudo. De qualquer modo, ela vai acabar por saber. — Não. Na verdade, ontem fui buscar as minhas coisas — respondo e ela faz uma expressão pesarosa.

— Tenho pena, miúda. Com o tempo, vai ser mais fácil para ti.

Meu Deus, espero que ela tenha razão.

O meu dia de trabalho decorre mais depressa do que eu esperava e termino o manuscrito da semana mais cedo do que o costume. Estou entusiasmada por ir a Seattle e espero afastar o Hardin dos meus pensamentos, mesmo que seja apenas por uns tempos. Faço anos na segunda-feira, embora não esteja nada ansiosa com a chegada desse dia. Se tudo não se tivesse desmoronado tão rapidamente, na terça-feira estaria a caminho de Inglaterra, na companhia do Hardin. Também não me apetece nada ir passar o Natal com a minha mãe. Tenho esperança de, nessa altura, já ter arranjado uma vaga num dormitório de uma residência — mesmo

que neste momento elas estejam praticamente vazias — e então talvez invente uma boa desculpa para não ter de ir a casa da minha mãe. Sei que é Natal e que é horrível da minha parte, mas não estou propriamente com espírito festivo.

A minha mãe manda-me uma mensagem ao fim do dia a dizer que ainda não teve nenhuma resposta sobre as residências. *Fantástico*. Pelo menos, só falta uma noite para a nossa ida a Seattle. Andar a arrastar-me de um lado para o outro não tem graça nenhuma.

No momento em que me preparo para me ir embora, lembro-me de que não vim de carro para o emprego. Espero que o Trevor ainda não tenha saído.

— Até amanhã. Encontramo-nos aqui e o motorista do Christian leva-nos a Seattle — explica-me a Kimberly.

O Sr. Vance tem um motorista?

Claro que sim.

Quando saio do elevador, deparo-me com o Trevor sentado num dos sofás pretos da entrada. O contraste entre o sofá e o seu fato preto e os seus olhos azuis é muito atraente.

— Não sabia bem se precisavas de uma boleia ou não e não quis ir incomodar-te ao teu gabinete — diz-me.

— Obrigada, agradeço mesmo muito. Quando chegar ao motel, vou chamar alguém para resolver o problema do meu carro. — Na rua, está um pouco mais calor do que de manhã, mas, mesmo assim, está muito frio.

— Posso fazer-te companhia enquanto trataas disso. A canalização da minha casa já está arranjada, por isso já não vou ficar hospedado no motel, mas posso fazer-te companhia se tu... — Cala-se subitamente e arregala os olhos.

— O que foi? — pergunto e sigo o seu olhar, descobrindo o Hardin sentado no seu carro, no estacionamento, a olhar furioso para o Trevor e para mim.

Fico de novo sem fôlego. Como é que isto está cada vez pior?

— Hardin, o que é que estás aqui a fazer? — pergunto, avançando irritada na sua direção.

— Bem, tu não respondes às minhas chamadas, por isso não me restou outra alternativa, não é? — replica.

— Não respondi propositadamente e não podes aparecer assim no meu emprego! — grito-lhe.

O Trevor parece incomodado e intimidado com a presença do Hardin, mas deixa-se ficar ao meu lado. — Estás bem? Diz-me quando quiseres ir.

— Ir aonde? — O Hardin está com uma expressão transtornada.

— Ele vai-me levar de volta ao motel, já que o meu carro não funciona.

— Motel? — O Hardin eleva a voz.

Antes de conseguir impedi-lo, o Hardin atira-se ao Trevor, agarrando-o pelo colarinho do fato e atirando-o contra um camião vermelho.

— Hardin! Para! Larga-o! Nós não ficámos juntos! — explico-lhe. Não sei porque é que me estou a justificar, mas não quero que ele magoe o Trevor.

O Hardin larga o fato do Trevor mas mantém-se à frente dele.

— Deixa-o em paz, já. — Agarro no ombro do Hardin e ele acalma-se ligeiramente.

— Não te aproximes dela — berra, com a cara a centímetros da do Trevor.

O Trevor está pálido; mais uma vez, arrasto para esta confusão outra pessoa que não merece ser maltratada.

— Desculpa — digo ao Trevor.

— Deixa lá. Ainda precisas de uma boleia? — pergunta-me.

— Não, não precisa — responde o Hardin por mim.

— Sim, por favor — digo ao Trevor. — Só preciso de um momento.

Cavalheiro como ele é, assente e afasta-se em direção ao seu carro para nos deixar a sós.

TESSA

— Não acredito que estejas hospedada num motel. — Passa a mão pelo cabelo.

— Pois... nem eu.

— Podes ficar no apartamento, eu posso voltar para a república ou para outro sítio.

— Não. — Isto não está a acontecer.

— Por favor, não sejas complicada. — Ele esfrega a mão na testa.

— Complicada? Deves estar a brincar! Nem sequer devia estar a falar contigo agora!

— Podes-te acalmar? E o que é que aconteceu ao teu carro? E porque é que este gajo está hospedado no motel?

— Não sei o que se passa com o meu carro — lamento-me. Não lhe vou responder acerca do Trevor, não tem nada a ver com isso.

— Eu vou dar uma olhadela.

— Não. Eu chamo alguém. Vai-te embora.

— Vou atrás de ti até ao motel. — Ele aponta com a cabeça para a estrada.

— Podes parar com isso? — rosno e o Hardin revira os olhos. — Isto para ti é uma espécie de jogo, ver até onde podes chegar?

Ele dá um passo para trás, como se eu o tivesse empurrado. O carro do Trevor ainda aqui está, à minha espera.

— Não, não é isso que eu estou a fazer. Como é que podes pensar isso, depois de tudo o que eu fiz?

— Exatamente, eu penso isto por causa de *tudo o que tu fizeste* — digo, quase a rir com a escolha das suas palavras.

— Só quero conversar contigo. Sei que podemos resolver tudo — afirma. Desde o início, ele brincou tantas vezes comigo que eu não

sei dizer o que é real. — Eu sei que também sentes a minha falta — diz o Hardin, encostando-se ao seu carro. As suas palavras deixam-me fora de mim. Tão arrogante.

— É isso que queres ouvir? Que eu sinto a tua falta? Claro que sinto a tua falta, mas sabes uma coisa? Não é de ti que eu sinto a falta, mas sim da pessoa que pensei que tu eras, e agora que sei quem tu és realmente, não quero ter nada a ver contigo! — grito.

— Sempre soubeste quem eu realmente era! Eu fui autêntico durante todo o tempo, sabes bem! — responde-me aos gritos. Porque é que não conseguimos conversar sem ser aos gritos? Ele põe-me fora de mim, é isso que se passa.

— Não, não sei. Se eu soubesse que eu... — Paro de falar antes de admitir que quero perdoar-lhe. Há uma grande distância entre o que quero fazer e o que devo fazer.

— Tu o quê? — pergunta. Claro que ele iria pressionar-me para eu continuar.

— Nada, é melhor ires-te embora.

— Tess, não sabes como têm sido para mim estes últimos dias. Não consigo dormir, não sou capaz de funcionar sem ti. Preciso de saber que há uma hipótese, que podíamos...

Interrompo-o antes de ele terminar.

— Como têm sido para *ti*? — Como é que ele pode ser tão egoísta? — Como é que pensas que têm sido para mim, Hardin? Imagina o que se sente ao veres, numa questão de horas, toda a tua vida a desmoronar-se! Imagina o que se sente quando estás muito apaixonada por alguém a quem te entregas completamente e descobre que afinal era tudo um jogo, uma aposta! O que é que achas que se sente? — Dou um passo na sua direção, gesticulando freneticamente. — Como é que achas que me sinto ao destruir a relação com a minha mãe por alguém para quem eu significo zero? O que é que achas que se sente quando se tem que ficar hospedado na merda de um quarto de motel? O que é que achas que se sente quando se quer superar tudo isto e tu não deixas de aparecer por todo o lado? Tu não tens a noção dos limites!

Ele não diz nada e eu continuo com as minhas queixas. Por um lado sei que estou a ser demasiado dura com ele, mas ele traiu-me de uma maneira vil e merece isto.

— Por isso, não apareças aqui a dizer que tem sido muito difícil para ti, porque a responsabilidade foi tua! Tu destruíste tudo! Tal como fazes

sempre, por isso, sabes que mais? Não tenho pena nenhuma de ti... Na verdade, até tenho. Tenho pena de ti porque nunca vais ser feliz. Vais ficar sozinho durante toda a tua vida e é por isso que eu tenho pena de ti. A minha vida vai avançar, vou encontrar um homem bom que me vai tratar do modo como tu me devias ter tratado, vou-me casar e ter filhos. E vou ser feliz.

Estou sem fôlego depois deste longo discurso. O Hardin está a olhar para mim com os olhos vermelhos e boquiaberto.

— Sabes o que é o pior disto tudo? É que tu me avisaste, disseste-me que me ias destruir e eu não te dei ouvidos. — Tento a todo o custo conter as minhas lágrimas, mas não sou capaz. Elas rolam impiedosamente pela minha cara abaixo e o rímel dissolve-se e esborrata, fazendo-me arder os olhos.

— Eu... desculpa. Vou-me embora — diz em voz baixa. Está com um ar profundamente destruído, tal como eu quero que ele esteja, mas isso não me dá a satisfação que eu pensava que daria.

Talvez lhe tivesse perdoado se no princípio, ou mesmo depois de termos ido para a cama, me tivesse contado a verdade. Mas, em lugar disso, ele escondeu-me, ofereceu dinheiro a várias pessoas em troca de silêncio e tentou aprisionar-me, levando-me a assinar o contrato de arrendamento da casa com ele. A minha primeira experiência íntima com alguém é um marco para toda a vida e ele arruinou-a.

Vou rapidamente para o carro do Trevor e entro. O aquecimento está ligado e o ar quente misturado com as minhas lágrimas causa-me ardor na cara. O Trevor mantém-se calado e, mais uma vez, fico agradecida pelo seu silêncio, enquanto me leva ao motel.

Ao anoitecer, forço-me a tomar um duche quente, muito quente. A expressão do Hardin no momento em que se foi embora e entrou no carro ficou gravada no fundo da minha mente. Revejo a sua cara cada vez que fecho os olhos.

O meu telemóvel não toca desde que ele me deixou. Tenho esta ilusão absurda e ingénua de que poderia tocar. Que, apesar das nossas diferenças e do seu temperamento... bom, dos nossos temperamentos... podíamos fazer com que tudo resultasse. Não sei o que fazer para adormecer, mas adormeço.

Na manhã seguinte, estou um pouco ansiosa com a minha primeira viagem de trabalho e começo a entrar em pânico. Além disso, esqueci-me

de arranjar alguém para reparar o meu carro. Procuo os dados do mecânico mais próximo e telefono-lhe. Possivelmente vou ter de lhe pagar mais para guardar o meu carro durante o fim de semana, mas neste momento é o menor dos meus problemas. Não menciono este aspeto ao homem amável que me responde, na esperança de que ele decida não me cobrar uma taxa extra.

Arranjo-me, enrolando o cabelo e maquilhando-me mais do que o costume. Decido usar um vestido azul-escuro que ainda não estreei, um vestido que comprei por saber que o Hardin iria gostar do modo como o tecido fino se molda às minhas curvas. O vestido em si não é provocante; é de meia manga e chega abaixo dos joelhos. Mas assenta-me bem e sinto-me bonita.

É terrível o facto de estar recorrentemente a lembrar-me dele. Quando estou em frente ao espelho, imagino-o a admirar-me com este vestido, imagino-o com as suas pupilas a dilatarem-se e a passar a língua pelos lábios antes de colocar o *piercing* do lábio entre os dentes, enquanto me observa a pentear-me uma última vez.

Batem à minha porta, fazendo-me regressar à realidade.

— É a menina Young? — pergunta um homem com um fato-macaco azul quando abro a porta.

— Sim, sou eu — respondo e abro a carteira para tirar as chaves.

— Estas são as chaves, é o *Corolla* branco — digo e entrego-lhas.

Ele olha para trás. — *Corolla* branco? — pergunta, confuso.

Saio para a rua. O meu carro... desapareceu.

— Mas o que é... Bem, deixe-me ligar para a receção para saber se rebocaram o meu carro, por o ter deixado aqui ontem. — Que maneira fantástica de começar o dia!

— Está, fala Tessa Young, do quarto trinta e seis — digo quando o rececionista atende. — Será que rebocaram o meu carro? — Tento ser simpática, mas isto é verdadeiramente frustrante.

— Não, não rebocámos — responde.

Estou completamente baralhada. — Bem, então, se calhar, o carro foi roubado... — Se alguém levou o meu carro, estou feita. Está quase na hora de ter de me ir embora.

— Não, esta manhã o seu amigo veio cá e levou-o.

— O meu amigo?

— Sim, aquele com... cheio de tatuagens e *piercings* — diz em voz baixa, como se o Hardin o pudesse ouvir.

— O quê? — Percebi o que ele disse, mas fico sem saber o que responder.

— Sim, ele veio com um reboque, há umas duas horas — explica. — Desculpe, pensei que sabia...

— Obrigada — respondo num lamento e deslizo. Volto-me para o homem que está à minha frente e digo: — Peço desculpa. Parece que alguém já levou o meu carro a outro mecânico. Eu não sabia. Desculpe por tê-lo feito perder tempo.

Ele sorri e garante-me que não há problema.

Depois da minha discussão com o Hardin, nem me lembrei que hoje ia precisar de uma boleia para o emprego. Ligo ao Trevor para o informar e ele responde-me que já tinha pedido ao Sr. Vance e à Kimberly para, no caminho, passarem a buscar-me. Depois de lhe agradecer, deslizo e corro as cortinas da janela. Um carro preto aproxima-se e estaciona em frente ao meu quarto. A janela do carro desce e vejo o cabelo louro da Kimberly.

— Bom dia! Chegámos para te salvar! — afirma, com uma gargalhada, quando eu abro a porta. O amável e inteligente Trevor, sempre previdente.

O motorista sai do carro e depois de me saudar com o boné pega nas minhas malas e guarda-as na bagageira. Quando abre a porta traseira, deparo-me com dois assentos dispostos frente a frente. Num deles, a Kimberly dá uma palmada no couro, convidando-me a sentar-me ao seu lado. No outro, estão o Sr. Vance e o Trevor, que olham para mim com uma expressão divertida.

— Preparada para esta escapadela de fim de semana? — pergunta o Trevor com um sorriso aberto.

— Mais do que possas imaginar — respondo e entro no carro.

TESSA

Quando entramos na autoestrada, o Trevor e o Sr. Vance regressam ao que parece ser uma conversa profunda sobre o preço do metro quadrado de um novo edifício em Seattle, a Kimberly dá-me uma pequena cotovelada e começa a imitar a conversa deles, fazendo mímica com a mão.

— Estes tipos são tão sérios — diz. — Olha, o Trevor contou-nos que aconteceu qualquer coisa ao teu carro?

— Sim. Não sei o que foi — digo, tentando manter um tom despreocupado, o que é fácil, perante o sorriso amistoso da Kimberly. — Ontem não funcionou, por isso chamei alguém para o arranjar. Mas o Hardin já tinha chamado uma pessoa para o ir buscar.

Ela sorri. — É persistente, não é?

Suspiro. — Acho que sim. Só queria que ele me desse algum tempo para processar tudo isto.

— Processar o quê? — pergunta. Esqueci-me que ela não sabe nada acerca da aposta e da minha humilhação e claro que eu não lhe quero contar. Ela só sabe que eu e o Hardin acabámos tudo.

— Não sei, tudo... Está tanta coisa a acontecer neste momento e ainda não tenho nenhum sítio onde viver. Acho que ele não está a levar isto de um modo tão sério como devia. Ele acha que pode brincar comigo e com a minha vida como se eu fosse uma marioneta. Acha que basta aparecer e pedir desculpa e que eu o vou desculpar, mas as coisas não funcionam assim. Pelo menos já não funcionam mais assim. — Respiro fundo.

— Ainda bem para ti. Fico contente por estares a ter uma atitude firme — afirma.

Ainda bem que ela não me pergunta os detalhes. — Obrigada. Eu também fico.

Na verdade, estou orgulhosa por estar a ser firme com o Hardin e não recuar, mas, ao mesmo tempo, sinto-me pessimamente pelo que lhe disse

ontem. Sei que ele mereceu, mas não consigo deixar de pensar: *E se ele gosta mesmo de mim, como costuma afirmar?* Mas mesmo que lá muito no fundo goste, acho que não é o suficiente para me assegurar de que não vai voltar a magoar-me.

Porque é isso que ele faz: magoar as pessoas.

Mudando de assunto, a Kimberly declara, entusiasmada: — Devíamos ir sair, hoje à noite, depois da última palestra. No domingo, estes dois vão estar toda a manhã em reuniões, uma boa altura para nós aproveitarmos para ir às compras. Vamos sair hoje à noite e talvez também no sábado. O que é que achas?

— Sair aonde? — Rio-me. — Só tenho dezoito anos.

— Oh, por favor. O Christian conhece imensa gente em Seattle. Se estiveres com ele, entras em todo o lado. — Adoro ver como os seus olhos brilham quando fala do Sr. Vance, mesmo quando ele está mesmo ao seu lado.

— Está bem — concordo. Nunca fui a nenhum local público noturno. Já fui a algumas festas na república, mas nunca estive numa discoteca, nem em nada de semelhante.

— Vais-te divertir, não te preocupes — assegura-me ela. — E deves mesmo usar esse vestido — acrescenta com uma gargalhada.

HARDIN

Vais ficar sozinho durante toda a tua vida e é por isso que eu tenho pena de ti. A minha vida vai avançar, vou encontrar um homem bom que me vai tratar do modo como tu me devias ter tratado, vou-me casar e ter filhos. E vou ser feliz.

As palavras da Tessa continuam a ressoar incessantemente na minha cabeça. Eu sei que ela tem razão, mas eu quero desesperadamente que ela esteja errada. Nunca me preocupou a perspectiva de ficar sozinho... até agora — agora que sei o que estou a perder.

— Alinhas connosco? — A voz do Jace corta os meus pensamentos sombrios.

— Hum, o quê? — pergunto. Quase me esqueci de que estou a guiar. Ele revira os olhos e dá uma passa no charro.

— Perguntei se alinhavas. Vamos a casa do Zed.

Resmungo: — Não sei...

— E porque não? Vê se paras com tanta lamechice. Andas para aí a chorar como um bebé.

Lanço-lhe um olhar furioso. Se não tivesse passado a noite anterior sem dormir, atirava-me a ele e estrangulava-o. — Não ando nada — respondo calmamente.

— Andas *sim*, puto. Hoje à noite, do que tu precisas é de ficar pedrado e de curtir com umas miúdas. De certeza que vão lá estar algumas raparigas disponíveis.

— Não preciso de curtir com ninguém. — Não quero ninguém, a não ser ela.

— Bom, anda lá, vamos até casa do Zed. Se não te apetece curtir, pelo menos bebe umas cervejas — diz.

— Nunca desejaste um pouco mais da vida? — pergunto e ele olha para mim como se eu fosse um *zombie*.

— O quê?

— Olha, não achas que já chateia passar a vida em festas e a curtir com raparigas diferentes a toda a hora?

— Ena, ena! Isto está pior do que eu pensava. Deu-te forte, putol!

— Não, não é isso. Estou só a falar. Fazer sempre a mesma merda acaba por chatear.

Ele não sabe como é agradável estar na cama com a Tessa e fazê-la rir, ele não sabe como é divertido ouvi-la a divagar sobre os seus romances favoritos, vê-la dar-me uma sapatada quando a quero apalpar. É bem melhor do que qualquer festa a que eu já fui ou a que um dia irei.

— Ela deu-te mesmo a volta. Que grande merda, não é? — Ri-se.

— Não, não deu — minto.

— Pois... — Ele atira o resto do charro pela janela do carro. — Ela agora está livre, não é? — pergunta e quando eu aperto o volante ele ri-se ainda mais. — Estou só a brincar, Scott. Era só mesmo para te chatear.

— Vai-te lixar — resmungo e, para não me dar por vencido, viro na rua que vai dar a casa do Zed.

TESSA

O Four Seasons de Seattle é o hotel mais bonito que eu alguma vez vi. Tento caminhar devagar, para me deliciar com todos os lindíssimos pormenores. Mas a Kimberly arrasta-me praticamente para o elevador e pelo corredor fora, deixando o Trevor e o Sr. Vance para trás.

Ao chegar a uma porta, diz: — Este é o teu quarto. Depois de arrumares as tuas coisas, vem ter connosco à nossa suíte para vermos o programa do fim de semana, embora eu tenha a certeza de que já o fizeste. É melhor mudares de roupa e guardares esse vestido para a nossa saída hoje à noite. — Pisca-me um olho e avança pelo corredor fora.

As diferenças entre o meu hotel das duas noites anteriores e este são abismais. Cada um dos quadros da entrada deste hotel deve ter custado mais do que a decoração inteira dos quartos do motel. A vista é incrível. Seattle é uma cidade encantadora. É fácil imaginar-me a viver aqui, num apartamento num arranha-céus, com um emprego na Seattle Publishing ou mesmo na Vance Publishing, agora que estão para abrir uma dependência aqui. Seria fantástico.

Depois de pendurar as roupas que trouxe para o fim de semana, visto uma saia preta justa e uma blusa lilás. Estou entusiasmada com a conferência, mas nervosa com a perspectiva de sair à noite. Sei que tenho de me divertir, mas é tudo novo para mim e ainda me sinto vazia com os danos que o Hardin me causou.

Às duas e meia vou ter à suíte da Kimberly e do Sr. Vance. Estou ansiosa, porque sei que às três horas vamos descer para a sala de congressos.

Ao abrir a porta, a Kimberly saúda-me calorosamente e diz-me para entrar. A suíte tem um salão e uma antecâmara. Parece maior do que a casa inteira da minha mãe.

— Isto é... uau! — exclamo.

O Sr. Vance ri-se e enche um copo com um líquido semelhante a água. — É agradável.

— Pedi para trazerem umas coisas para comermos antes de irmos para baixo. Devem estar a chegar — diz a Kimberly e eu sorrio e agradeço-lhe. Não tinha noção de como estou esfomeada até ela mencionar a comida. Hoje ainda não comi nada.

— Preparada para apanhar a maior seca? — pergunta o Trevor, vindo do salão.

— Para mim não vai ser uma chatice. — Sorrio e ele ri-se. — Acho que se calhar até vou querer ficar aqui para sempre! — acrescento.

— Eu também — admite ele.

— E eu também — diz a Kim.

O Sr. Vance abana a cabeça. — Isso é fácil de resolver, querida. — Ele acaricia-lhe as costas e eu desvio o olhar perante este gesto íntimo.

— Devíamos transferir a sede da editora para cá e mudarmo-nos todos! — brinca a Kimberly. Pelo menos, penso que está a brincar.

— O Smith ia gostar de Seattle — diz o Sr. Vance.

— O Smith? — pergunto e depois lembro-me do filho dele, que esteve presente no casamento, e coro. — Desculpe, o seu filho, claro.

— Não há problema. Sei que é um nome invulgar — ri-se e encosta-se à Kimberly. Deve ser tão bom ter uma relação de amor e de confiança. Invejo a Kimberly por isto, uma inveja de que me envergonho mas que mesmo assim não deixo de sentir. Ela tem um homem na sua vida que gosta mesmo dela e que fará tudo para a fazer feliz. É uma mulher com sorte.

Sorrio. — É um nome amoroso.

Depois de comermos, descemos e aterro numa enorme sala de conferências repleta de pessoas que gostam de livros. Estou no paraíso.

— Contactos. Contactos. Contactos — diz o Sr. Vance. — Trata-se tudo de estabelecer contactos. — E durante as três horas seguintes ele apresenta-me a quase todas as pessoas da sala. Fico feliz por ele não me apresentar como sua estagiária e por me tratar como adulta. Todos o fazem.